

CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)



Atena
Editora
Ano 2020

CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-45-4
 DOI 10.22533/at.ed.454201203

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Cultura e Sociedade 2” apresenta onze artigos com pesquisas e estudos que debatem a relação entre educação e cultura a partir de diferentes perspectivas.

A cultura envolve uma série de valores construídos socialmente que em conjunto estabelecem um código de normas para as relações estabelecidas. Neste sentido, os artigos apresentados contribuem para o debate acerca da influência e relação existente entre a questão cultural e a diversidade, manifestações populares e resistência, conhecimento tradicional e comunidades, levando-se em consideração para estes debates a questão territorial, representações e sustentabilidade.

No que concerne aos artigos que dão ênfase aos aspectos educacionais, as discussões realizadas estão voltadas para a integração entre estas e a cultura, considerando-se a diversidade no contexto escolar e o papel do conhecimento tradicional para o cotidiano dos espaços educacionais.

São pesquisas que contribuem para uma visão mais ampliada e contextualizada das diversidades presentes nos territórios e que acabam por impactar na definição de políticas públicas e nos fatores relacionais, sendo as pautas apresentadas imprescindíveis e ainda com um vasto campo de possibilidades de análises e estudos a serem realizados.

Desejo boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| “ANTES DE DANÇAR O COCO ERA COMO ESTAR NO MUNDO, MAS NÃO EXISTIR”: EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS NO CARIRI CEARENSE | |
| Camila Mota Farias | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012031 | |
| CAPÍTULO 2 | 10 |
| ARGUMENTOS EM DEFESA DA INTEGRAÇÃO DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E CULTURA NA ÉPOCA DE SUA SEPARAÇÃO INSTRUMENTAL | |
| Marco Antônio de Castilhos Acco Alexandre Santos Arantes de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012032 | |
| CAPÍTULO 3 | 27 |
| A CONCENTRAÇÃO ESPACIAL DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO | |
| Bruno Costa Guimarães | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012033 | |
| CAPÍTULO 4 | 39 |
| AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA DESONRA DE J.M. COETZEE | |
| Alyne de Sousa Jardim | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012034 | |
| CAPÍTULO 5 | 49 |
| APRENDIZAGEM E MUDANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE: ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA | |
| Gabriela Almeida Marcon Nora Fernanda Almeida Marcon Rudimar Antunes da Rocha | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012035 | |
| CAPÍTULO 6 | 63 |
| CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR | |
| Adriano Alves Silva Diego Martins Sampaio dos Santos Elielson Dias Sacramento Henrique Xavier dos Santos Lorena Oliveira dos Santos Marcildo dos Santos Sacramento Moema Catarina Moreira Nascimento Bastos Palillo Kaic Pires Sena Andrade Paloma Pereira dos Santos Robson de Jesus Andrade Sonia Mendes Ferreira Valdiane Silva Cruz | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012036 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 71 |
| MARÍA A LA LUZ DE LA FE DEL PUEBLO LATINOAMERICANO | |
| Clara María Temporelli, odn | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012037 | |
| CAPÍTULO 8 | 84 |
| O BEM VIVER COMO UMA ALTERNATIVA DE RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS | |
| Fernanda Rodrigues Lagares | |
| Cassy Lima Santos | |
| Katiucia da Silva Nardes | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012038 | |
| CAPÍTULO 9 | 91 |
| MARAMBIRÉ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA PARA O QUILOMBO DO PACOVAL/PARÁ | |
| Andréa Simone Rente Leão | |
| Girlian Silva de Sousa | |
| Edilmar Santana Quaresma | |
| Joice Eliane Vasconcelos de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.4542012039 | |
| CAPÍTULO 10 | 108 |
| O ESTANDARTE: ESPETACULARIDADE E POESIA NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO HOMEM AMAZÔNICO | |
| Amarildo Rodrigues da Cruz | |
| DOI 10.22533/at.ed.45420120310 | |
| CAPÍTULO 11 | 120 |
| O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA | |
| Edésio da Silva Pinheiro | |
| Laércio Farias da Costa | |
| José Francisco da Silva Costa | |
| Oselita Figueiredo Corrêa | |
| Josiane da Silva Moraes | |
| João Batista Sagica de Farias | |
| Nazareno do Socorro da Silva Oliveira | |
| Rosilda do Socorro Ferreira Vaz | |
| DOI 10.22533/at.ed.45420120311 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA..... | 138 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 139 |

O ESTANDARTE: ESPETACULARIDADE E POESIA NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO HOMEM AMAZÔNICO

Data de aceite: 10/03/2020

Data de Submissão: 21/01/2020

Amarildo Rodrigues da Cruz

Universidade Federal do Pará – Programa de Pós-Graduação em Artes.
Belém do Pará.

RESUMO: O ESTANDARTE DE SÃO BENEDITO. Um olhar poético e etnocenológico na Amazônia. O artigo propõe um olhar sobre o estandarte como um elemento simbólico, introduzido nas celebrações religiosas e em outros eventos culturais no ambiente amazônico, a partir dos estudos de Etnocenologia e Espetacularidade. Entende-se sobre a disciplina o estudo das Práticas e Comportamentos Humanos, Espetaculares Organizados (Pradier, 1999), um olhar diferenciado dessas práticas e por esse viés, tentar compreender os acontecimentos espetaculares, que estão inseridos no processo de transmissão e manutenção das tradições populares em questão. O Artigo procura entrelaçar-se aos estudos do imaginário amazônico do professor João de Jesus Paes Loureiro (1997), evidenciando aspectos preponderantes absorvidos no espaço das celebrações e festas populares na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Estandarte,

Etnocenologia, Espetacularidade, Imaginário.

THE STANDAR: SPECTULARITY
AND POETRY IN THE POPULAR
MENIFESTATIONS OF AMZONIC MAN

ABSTRACT: THE STANDAR, SPECTULARITY AND POETRY IN THE POPULAR MENIFESTATIONS OF AMZONIC MAN.

The article proposes a look at the banner as a symbolic element, introduced in religious celebrations and other cultural events in the Amazonian environment, from the studies of Ethnocenology and Spectacularity. Understanding the discipline is the study of Organized Spectacular Human Practices and Behaviors (Pradier, 1999), a differentiated look at these practices and by this bias, try to understand the spectacular events, which are inserted in the process of transmission and maintenance of popular traditions. in question. The article seeks to intertwine with the studies of the Amazonian imagination of Professor João de Jesus Paes Loureiro (1997), highlighting the predominant aspects absorbed in the space of celebrations and popular festivals in the Amazon.

KEYWORDS: Banner, Ethnocenology, Spectacularity, Imaginary.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é compreender o estandarte como elemento simbólico nas praticas religiosas e multiculturais de alguns fenômenos que ocorrem em cidades da região nordeste do Pará, por um olhar de Espetacularidade. E ao iniciar esse trabalho, faço referencia a uma cena de novela. Não que seja um telespectador assumido que não perde um só capítulo de seu folhetim preferido; que se envolve no desdobramento das muitas tramas; que conhece todos os personagens e em alguns casos, se re-conhece também; que se indigna com as trapaças do vilão, que se aborrece com a ingenuidade da protagonista e que nem sempre se deleita com o capítulo final, absolutamente, apenas ao observar, certo dia, uma cena protagonizada na novela Tempo de Amar, exibindo a recriação de uma procissão da Semana Santa, em uma vila fictícia de Portugal, meados de 1927.



Figura 01: Cena da novela Tempo de Amar, exibida entre os anos de 2017 a2018.

Fonte: <https://natelinha.uol.com.br/novelas>

Na cena, demonstrada na imagem a cima, é possível observar diversos estandartes sendo conduzidos por devotos nas estreitas ruas da cidade cenográfica. Em questão, a cena apresenta um enquadramento estético tão revelador, tão

encantador, que arrastava meu olhar aquele ritual transcendente no qual os personagens dão ao enredo. Na frente da procissão, homens carregam nos ombros o corpo morto de Cristo. Atrás, senhoras com véus e terços nas mãos, rezam e cantam cânticos da celebração. Em seguida, nove estandartes compõem o simbólico cenário, formando assim um mosaico religioso de rara beleza. Configura-se então, uma paisagem poética de profunda sacralidade e ao mesmo tempo de intensa espetacularidade.

Obviamente não precisamos ir à Portugal para observar o quanto a procissão se faz presente em nosso cotidiano. Sua narrativa precede os Salmos, no Antigo e Novo Testamento, e se caracteriza como um corpo constituído de celebração, e que no catolicismo está sempre relacionada à devoção, à fé, à santidade. Imediatamente lembrei-me de minha infância e das recordações da celebração de Santo Antonio de Pádua, na cidade de Santo Antonio do Tauá, onde por algum tempo morei. Nas procissões também havia estandartes e algumas semelhanças com o que vi na encenação. Para mim, era revelador o cenário multicolorido daqueles elementos estéticos, representando a divindade ou o santo de cada uma das comunidades, com suas insígnias e adornos, com suas muitas significações, produzidos irrefletidamente à revelia do fazer conceitual e que, conforme Paes Loureiro, de maneira a apropriar-se de “uma realidade de crença virtual ou uma realidade virtual de crença, vivida por pessoas que vivem sob constante apelo de um pragmatismo exigente do seu dia a dia”, ou que ainda aceitam com deleite a ilusão da realidade nessas formas de criação, sentem necessidades delas, tanto que as produzem e conservam “(LOUREIRO, 1995, p. 301).

Deixo o saudosismo à outra ocasião e retomo a apreciação da referendada cena. Admito que a Espetacularidade do cinema, que atrai o olhar e imobiliza o expectador através da grandeza de sua tela, não pode ser comparada a um menor número de polegadas de um aparelho de TV, ainda que a cada lançamento, nos pareça que a tecnologia empregada fará aumentar, sucessivamente seu tamanho. Atendo claro, que minha primeira vez no cinema foi arrebatadora. Aliás, estar diante da grande tela em meados de 1975 – já diz o ditado popular: a primeira vez agente nunca esquece, e no caso do cinema essa regra me parece inquestionável – foi no mínimo, espetacular. Assistir o premiadíssimo “Os Dez Mandamentos” de Cecil B. Demille com o excepcional e vencedor do Oscar de melhor ator, Charlton Heston fora um misto, aquela altura, de incompreensíveis sensações. Contudo, atrevo-me a dizer – longe de ser crítico e apenas um amante do cinema – que as técnicas disponibilizadas em produções na televisão têm favorecido aos telespectadores, em muitos casos, projetos televisivos que se equivalem em qualidade às grandes telas, ainda que não tenha qualquer intenção em tecer ponderações sobre esse tema, pois o que me move nesse estudo é estabelecer conexões de hibridismo cultural, sincretismo religioso,

etnocenologia e imaginário amazônico revelados no estandarte, seja afinal, nas Bigas da armada egípcia e suas flâmulas nos “Dez Mandamentos”, seja na cena da novela das 18h, seja em outros cenários e ambientes regionais como nas cidades de São Caetano de Odivelas e Santarém Novo, ambas pertencentes à região nordeste do estado do Pará, detentoras de imensas belezas naturais, festas populares e intensa religiosidade.

Podemos então, a partir desses questionamentos, traçarmos um esboço da introdução do estandarte como elemento de espetacularidade e por tanto, carregado de um simbolismo que permeia o imaginário poético amazônico das celebrações religiosas e profanas, percorrendo por estudos da Etnocenologia, tramitando pelo universo da religiosidade entre o profano e a sacralidade na medida em que ambos se movimentam sem criar fronteiras rígidas em alguns fenômenos, como ressalta Miguel Santa Brígida (BRÍGIDA. 2016). Por outros caminhos, Paes Loureiro, afirma que é preciso perceber a “Cultura Amazônica como fruto de uma região complexa e exemplo de diversidade diversa “(LOUREIRO, p,79. 2018), sem perder de vista o diálogo com as questões híbridas atuais, que não se limitam ao passado, mas que se evidenciem na atualidade.

2 | ESTANDARTE E ESPETACULARIDADE

O homem, desde os primórdios, alimenta-se de um constante revelar-se, expressar-se, fazer-se reconhecer através de símbolos, evidenciando assim seu *Status Quo*. No início do século XX, uma peça de madeira de aproximadamente 4500 anos de existência foi encontrada ao sul de Bagdá. No artefato há quatro painéis que retratam cenas do dia a dia dos habitantes da remota cidade de Ur. Na composição é possível descrever o uso de calcário vermelho, betume, ouro e outros recursos químicos incrustados nas figuras. Elas exibem cenas de guerra e paz, trabalho e lazer, pessoas e animais, reis e súditos. O objeto recebeu o nome de “Estandarte de Ur”, por supor-se que a peça ficava no topo de um poste, como uma bandeira (NUNES, 2015). Mas foi a partir da Heráldica, ciência que estuda a descrição dos Emblemas e Brasões, por volta do século XII, mesmo diante de algumas contestações de ordem cronológicas com relação à organização da referida ciência, que o cenário evolutivo das representações heráldicas dos brasões se consolidou. Joel Serrão, ao escrever por uma década o Dicionário de História de Portugal (1963 a 1971) a descreve como uma ciência e uma arte que estuda, ordena e elabora os símbolos ou ‘marcas’ da personalidade singular ou colectiva, moral ou territorial (SERRÃO, 1999).

O estandarte também está ligado às insígnias e magnificência dos heróis

homéricos; às ações das conquistas militares do império Romano; a identificação das famílias aristocráticas da Europa; nas Cruzadas e Guerras Santas, representados através das cores que identificavam as nacionalidades de seus combatentes; os Clãs que se apropriavam da figura de animais para representar a força e astúcia de cada um. Chevalier o define como “signo de comando, de reunião, invocador de espíritos, divindades” (CHEVALIER, p,49. 1997) e assim, inúmeros suportes foram utilizados. Desde madeiras até tecidos mais leves, fixados a um mastro nas torres de castelos ou em propriedades particulares, em carros de combate até garbosos cavalos de guerra. Flâmulas, gonfalão, insígnias, brasões, bandeiras, percorrem um vasto caminho na história do homem, apropriando-se de múltiplos sentidos e imagens que retrataram identidades, ações, lendas, triunfos, derrotas, símbolos dinásticos, sagrado e profano.

No entanto, este artigo não se propõe a esquematizar um painel histórico sobre a evolução do estandarte, mas apenas admite que as identificações sejam importantes para a sua compreensão, visto que de um modo geral, as práticas culturais se evidenciam por aspectos de mútuas influências humanas que podem ser observadas e/ou estudadas pelos mais variados campos de conhecimento. Jean-Marie Pradier, fundador do primeiro grupo de estudos interdisciplinares, das Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados, que surgiu em 1995 na França, a partir da publicação do Manifesto da Etnocenologia, afirma que “a etnocenologia nasceu como um rio formado, pacientemente, pelo inundamento de miríades de afluentes, rios que transformam um fio d’água em potência” (PRADIER, p,27,1995). Nesse sentido, as expressões “práticas” e “comportamentos”, compõem uma importante coluna epistemológica para as atuais pesquisas, demonstrado – ao longo de suas teorias e estudos – um constante diálogo entre as questões estéticas, espetaculares e de gestualidades, considerando as mais diferentes culturas e manifestações cotidianas; rituais, danças, teatro, celebrações religiosas, festas populares, eventos cívicos, entre outros. Armino Bião afirma que, “os fenômenos da rotina social que podem se constituir em eventos, consideráveis, a depender do ponto de vista de um espectador, como espetaculares, a partir de uma espécie de atitude de estranhamento, que os tornaria extraordinários” (BIÃO, 2007, p. 28). Ele observa uma recorrente e contínua ação de espetacularidade nas relações do corpo com a alma e conseqüentemente, na transmissão do conhecimento através da cena que distingue e interpreta os mais complexos canais de percepção dos sentidos. Pradier corrobora com o conceito ao observar que, “se não sabemos perceber o que aprendemos a ver, a etnocenologia deve nos ensinar a abrir nossos sentidos e nossa inteligência para o mundo” (PRADIER, p,28, 1995).

Assim, cabe-nos um olhar à origem da palavra cena, do grego *skener* (*cena*), ou um momento que possibilita algo extraordinário, interessante, espetacular, onde

se passa uma ação, que tem como plano central um cenário. A cena conectada ao corpo e espaço do artista, onde tais aspectos se revelam no cinema, na novela, no teatro, a dança do Boi Bumbá ou na procissão em devoção a São Benedito. Nas produções culturais marcadas por uma intensa expressividade é recorrente o uso de elementos como figurinos, iluminação e artefatos ou outros objetos, que requerem o sentido visual, a percepção sonora, seja através de diálogos, cantos, rituais religiosos diversos e outros rituais populares. Por essa perspectiva é coerente afirmar, que o estandarte é carregado de singular espetacularidade, pois ele é um símbolo que se conecta e se integra a esse universo tão diverso e multicultural, promovendo uma espécie de transculturação, presente em diversas manifestações da cultura popular. Daí a possibilidade de identificá-lo como um instrumento individual ou coletivo, capaz de expressar múltiplas possibilidades de espetacularidade, e por esse viés, faz-se necessário observá-los sob aspectos da etnocenologia.

Em sua origem etimológica, estandarte vem do Frances *estendard* (atual *étendard*), e do latim *extendere*, estender, alargar. Uma insígnia, símbolo, de uma nação, de um partido político, de uma escola de samba, de um time de futebol, de uma religião, de uma corporação militar: Pendão que sutaliza para simbolizar algo. Estamos, portanto, diante do pressuposto de que o estandarte alarga-se em diversas formas e culturas, e assume uma espetacularidade, seja no signo ou no significado de sua simbologia.

Na festa do Divino Espírito Santo, comemorada tanto na religião católica como em outras religiões pentecostais, por tanto, revestida de sincretismo, será uma honra para o escolhido, conduzir o Estandarte ou Bandeira do Divino na celebração, tal como o porta-estandarte da agremiação carnavalesca carregará com empolgação e orgulho em sua Escola de Samba. Em ambas, o comportamento espetacular estará presente, diferenciando-se apenas na forma da condução da peça, sendo uma voltada ao sagrado, à espiritualidade, e a outra, ao regozijo, ao profano.

No carnaval, o estandarte tem papel fundamental na representação da agremiação carnavalesca, que a pós-libertação de escravos no Brasil, ganhou força por seus desfiles de ruas em muitas cidades. Com o passar dos anos, a tradição do estandarte adquire contornos simbólicos entre diversas manifestações populares, entre as quais, o maracatu, clube de frevos, os cordões de entrudos, cordões de pássaros, blocos e agremiações carnavalescas, até tornar-se elemento imprescindível nos desfiles de escolas de samba. Carregar o estandarte é ostentar o símbolo maior de sua agremiação, e assim, a figura do porta-estandarte se destaca por sua espetacularidade, e sua simbologia impregnada de significados e imponência, de valor estético e representatividade, e por ser um elemento que traduz todo o enredo de sua escola de samba. E desse modo, a figura do porta-estandarte mergulha no universo poético do carnaval, como um abre alas que, em primeiro

plano, é responsável em criar uma atmosfera de grande explosão de alegria, de arte e riqueza, em belas performances a desfilar pela avenida do samba.

Assim, portanto, observamos como a espetacularidade acontece de forma similar entre as distintas manifestações: na festa do Divino a organização espacial da procissão, os destaques, o grupo de tambor, os personagens, as alegorias ou elementos simbólicos, a preparação para a festa, são formas e movimentos que se equivalem a qualquer ação coreográfica. No mesmo sentido ou roteiro teatralizado, o porta-estandarte da Escola de Samba traz consigo toda a estrutura organizacional da espetacularidade nas diversas alas, nas alegorias e adereços, na bateria, no enredo e no simbolismo expresso no carnaval.



Figura 02: Porta Estandarte da GRES Não Posso Me Amofinar, Belém-PA. Carnaval de 2017.

Arquivo pessoal Leandro Fonseca.

Vejamos pela figura 02, outra visão espetacular do estandarte, dessa vez como parte integrante nas comemorações carnavalescas. Seu formato, normalmente retangular, apoiado por uma haste horizontal e outra vertical, produzido em veludos e tafetás, fios dourados e outras inúmeros acessórios de alfaiataria, impregna uma enorme simbologia de suas agremiações. Suas dimensões são variadas e pode atingir uma altura superior a quatro metros, levado por seu condutor, o Porta-Estandarte. E aqui, neste intervalo, abro um parêntese para destacar o quanto o Porta-Estandarte das agremiações carnavalescas de Belém-PA, no momento de

sua apresentação, revela-se em um personagem que se situa na fronteira entre a vida e arte, sem barreiras, onde o carnaval imita a vida ou o contrário. É deste lugar onde o corpo expressa a espetacularidade vivida sob uma interconexão entre o personagem, a fantasia e o ser humano, que o jovem artista Leandro Fonseca, Porta-Estandarte no carnaval de Belém-PA, se insere. É nesse universo mágico e contemporâneo do carnaval performático, que é traduzido no corpo e por seus sentidos que destaco a fala desse artista popular:

Vou te dizer com toda a minha sinceridade: não é o meu eu que está ali conduzindo o estandarte. Parece que eu me transporto para o meu personagem. Parece um transe. Ali, naquele momento não é o Leandro. Aliás, as pessoas às vezes querem tirar fotos comigo. As pessoas me questionam e eu digo que não. Elas não entendem, mas eu preciso me concentrar totalmente. Na verdade, eu me incorporo, eu viro outra pessoa sabe, e só volto a ser o Leandro quando o desfile acaba e eu saio da avenida. É uma grande responsabilidade como Porta-Estandarte, conduzir o enredo da escola, viver esse enredo. E eu não tenho uma explicação (Leandro Fonseca).

Por esses aspectos é que a espetacularidade da dança do Porta-Estandarte no carnaval de Belém-PA, se manifesta como uma espécie de triunfo, uma libertação temporária do regime vigente, das dominações explícitas, da abolição das relações hierárquicas (BAKHTIN, 2008), para se transformar, ainda que por alguns momentos, no ideal romântico do carnaval, que é cultura popular e alegria do povo. Mas é na corporeidade do condutor que o corpo encontra sua totalidade, “como mais que materialidade do corpo, que o somatório de suas partes, não é algo objetivo, pronto e acabado, mas processo contínuo de redefinições” (POLAK, p,234. 1992). Está no ato de falar, cantar, dançar, viver, na dimensão mais humana, sua própria história que se funde ao corpo performático do personagem na avenida.

O Porta-Estandarte, em sua função artística no carnaval de Belém, tem a responsabilidade de traduzir o enredo de sua agremiação por todo o cortejo da avenida, e por tanto, ele vive o enredo e o enredo vive nele. O estandarte no carnaval, advindo do Maracatu, integrante dos antigos Ranchos e Cordões carnavalescos, por sua expressividade e simbolismo, por sua elegância e magnificência, por sua postura de anúncio oficial da escola, materializa-se na espetacularidade da figura do Porta-Estandarte, que com sua energia e brilho, será capaz de convergir e condensar o enredo de sua agremiação.

Mas além do carnaval o estandarte também é visto como símbolo de clubes de frevo, nos maracatus, caboclinhos, reisado imperial, nas troças e inúmeros fenômenos da cultura popular, não só na região nordeste, mas em todo o Brasil.



Figura 03: Estandarte do Divino E. Santo.

Fonte: <https://dancasfolcloricas.blogspot.com>

Na figura 03, o estandarte do Divino Espírito Santo, remonta as celebrações do catolicismo ainda no século XIV, em Portugal, a partir de uma promessa da rainha Izabel de Portugal e Aragão, por volta de 1320, quando ela, ao receber a graça, sai em peregrinação pedindo donativos aos mais pobres. No Brasil a celebração é introduzida com a chegada dos portugueses no século XVI. Mas as semelhanças ao estandarte carnavalesco são percebidas sob múltiplos pontos de vistas: na forma de sua produção e no conteúdo de simbolismos; ele pode ser visto em distintos locais onde o fenômeno ocorre; pode ser comparado através de similares aspectos ritualistas; na espetacularidade se faz presente em ambos, e apesar de traçarem caminhos aparentemente opostos, entre o sagrado e o profano, eles se entrelaçam no sincretismo religioso, no hibridismo cultural, no legado da colonização e legitimação cultural. Pradier, assim observa, que “nada que pudesse, além da extraordinária pluralidade das aparências, sugerir que essas epifanias fossem a marca da humanidade e os vestígios de suas descendências milenares” (Idem, p,23, 1995). Talvez seja o Brasil, essa epifania de tantas possibilidades de diversidade diversa, como destaca Paes Loureiro (1995), por fazermos parte de um conjunto harmonioso de matrizes culturais distintas e indistintas, incorporadas na multiculturalidade

e na espetacularidade de tantos fenômenos populares, evidenciados aqui, pelo simbolismo do estandarte. Assim é que a etnocenologia, como destaca Armindo Bião, “vem firmando como uma etnociência e tem como objetivos os comportamento humanos espetaculares organizados” (BIÃO, 2009, p.95), em sua multiplicidade e diversidade.



Figura 04: Boi de Máscaras e Cabeçudos desfilam pelas ruas de São Caetano de Odivelas.

O Boi se apresenta nos folguedos Juninos e no Carnaval. Fonte: Secretaria de Cultura de Caetano de Odivelas.

2012.

O Boi de Máscaras, demonstrado na figura 04, fenômeno cultural São Caetano de Odivelas-PA, o estandarte também está presente e assume sua condição simbólica na própria origem do termo *extendere*, de alargar-se, de ressignificar-se. No Boi de Máscaras o folguedo possui características similares aos demais Bois das diversas regiões do Brasil, por tanto, uma festa marcada de hibridismos e que absorve natural influencia de ritmos, símbolos e alegorias. Contudo, diferente do arquétipo cultural do Boi-Bumbá tradicional, que se expressa pela forte satirização das elites do período colonial que com o passar dos anos deixa sua condição de mera expressão de oprimidos, controlados e censurados para uma das mais importantes manifestações populares do Brasil, o Boi de Máscara de São Caetano de Odivelas não assume a dialética dramática original do folguedo tradicional de Boi, mas constrói uma dimensão simbólica própria de ritualizar sua existência, criando uma espécie de re-significação do enredo, um desordenamento proposital, uma maneira irônica de se contrapor ao próprio roteiro estabelecido pelo Boi tradicional. Paes Loureiro considera que o Boi Tinga, um dos primeiros grupos da cidade, revela-se “como um fenômeno de fascinação contemplativa numa comunidade emocional” (LOUREIRO, p, 187. 2000). Assim, ao estabelecer que as ruas da cidade se transformem no espaço de livre coreografia, onde a comunidade está atuante e envolvida na brincadeira, o Boi de

Máscaras toma uma dimensão estética que o constitui como fonte de uma enorme gama de simbolismos e espetacularidade: vestuário, máscaras, cabeçudos, fitas coloridas, estandarte (que na apresentação do Boi Faceiro é conduzido por alguém de fora, não participante oficial do folguedo), tudo conectado ao prazer contemplativo da espetacularidade de sua apresentação.

3 | CONCLUSÃO

O estandarte no ambiente amazônico das diversas manifestações populares, se expressa, de muitos modos, como uma poética de encantarias. Um elemento que se transfigura ao sabor dos ventos do imaginário religioso das feições de uma cultura popular que converte e transforma elementos comuns em tamanho significado. São Benedito o santo preto trazido por colonizadores se ancora no porto seguro das lendas e milagres deste homem amazônida, impregnado de simbolismo e se finca no sincretismo e hibridismo sem perder a matriz de sua essência, como formas significantes da expressão simbólica do sentimento, assumem a dimensão estética (LOUREIRO, 2008), a dimensão estética como uma espécie de infinitização dos sentidos interpretativos e de significações. A reinterpretação do caboclo que canta, dança, ora, reiteradamente sua linguagem de encantarias, que se expressa distanciando-se de normas preestabelecidas, e que confere significativo simbolismo em seus mitos e lendas, que se transfiguram e se transformam em celebrações à vida, como a festa do Sairé¹, que é plena de um distanciamento do real para a ilusão da imaginação simbólica. E em todas as manifestações e significações do fenômeno do Sairé e todo o legado da celebração, está o estandarte como um símbolo de pertencimento cultural.

Tais fenômenos e práticas que se ambientam na paisagem poética e estetizada das diversas comunidades amazônicas, que expressam ou concebem suas identificações regionais e locais, compostas de um sentido de dupla realidade e em outras margens de interpretações, num aparente estado de devaneio imaginário, faço referência a Stuart Hall, ao destacar que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. [...] Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de **identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente** (HALL, 2006, p. 13, grifo nosso).

É por esse sentido que faço crer, ser necessário identificar a valor imagético dos

1 Festa do Sairé em [Alter do Chão](#), Santarém – PA é uma manifestação que mistura elementos religiosos e profanos. Está presentes na celebração, a tradição do Mastro, seguido de ritual religioso e danças regionais desempenhadas pelos moradores. No último dia, na segunda-feira, ocorrem a “varrição da festa”, a derrubada dos mastros e a “cecuíara” (almoço de confraternização), entre outros eventos.

estandartes como um elemento multicultural, que tem em sua aura de espetacularidade o *extendēre*, e assim, redimensionar, ressignificar, seja na religiosidade e seu sincretismo, seja no profano e seu hibridismo, seja em tantas outras paisagens poéticas e significantes do habitat amazônico, sem ter limites estéticos e imaginários a estruturá-lo. Assim, como “é na encantaria que repousa o sentido daquilo que poderia ser, naquilo que” (LOUREIRO. P, 56. 2008), que o estandarte tanto pode ser o elemento que simboliza toda razão da Irmandade do São Benedito de Carimbó de Santarém Novo, ou se constituir, também, em mais um signo, entre outras narrativas e cumulações de hibridismo cultural que juntos, solidificam a espetacularidade do fenômeno. A partir daqui, cabe a cada um fazer sua escolha.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Marquês de. **Introdução ao Estudo da Heráldica**. Série Biblioteca Breve, vol. 27, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BIÃO, Armindo. **Etnocenologia, uma introdução**. In: GREINER, Christine e BIÃO, Armindo. (org.), *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BRIGIDA, Miguel Santa. **Etnocorpografias dos terreiros afro-amazônicos**: imersões metodológicas da etnocenologia. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Ano 18, n. 25 (2015.2) – Salvador: UFBA.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009.
- FERNANDES, Silvia. **Teatralidades Contemporâneas**, in *Teatralidades Contemporâneas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes, **A cultura amazônica**: uma poética do imaginário, Belém, Pa : CEJUP, 1995.
- _____. *Obras Reunidas*. Volume 04. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- NUNES, Abener, *A História dos Séculos*: Espalhando história de maneira interessante e informativa. Artigo disponível em: <https://ahistoriadoseculo.org/2015/04/28/o-incrivel-estandarte-de-ur> Acesso em: 08/03/2018.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- SERRÃO, José. **Dicionário de História de Portugal**. Obra em 4 volumes. Porto: Encadernações editoriais. In-4.º, 1971.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África do Sul 39, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 139

Apartheid 39, 40, 41, 42, 139

Aprendizagem organizacional 49, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 61, 62, 139

Arte-Educação 10, 15, 16, 139

B

Bem Viver 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 139

C

Cariri 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 139

Condição feminina 39, 41

Conhecimento científico 121, 122, 123, 134, 139

Cultura Viva 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 139

D

Dança do Coco 1, 139

Desenvolvimento 3, 4, 6, 11, 13, 14, 15, 21, 25, 26, 28, 29, 31, 44, 50, 51, 56, 62, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 105, 129, 137, 139

Diversidade 10, 11, 12, 15, 17, 24, 36, 37, 63, 65, 66, 67, 70, 111, 116, 117, 124, 127, 136, 139

E

Educação 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 37, 44, 45, 49, 50, 60, 63, 65, 67, 69, 70, 104, 106, 121, 123, 124, 126, 127, 136, 137, 139

Espetacularidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estandarte 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estudo de caso 49, 139

Etnocenologia 108, 111, 112, 113, 117, 119, 139

Experiências Dançantes 1, 5, 139

I

Imaginário 90, 108, 111, 118, 119, 139

Instituições de ensino superior 49, 50, 51, 53, 59, 139

Inversão de poder 39, 139

L

Lei Rouanet 27, 28, 31, 34, 139

M

Marambiré 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 139

Mudanças organizacionais 49, 50, 59, 60, 139

P

Particularidades 63, 66, 140

Política Cultural 10, 28, 29, 35, 36, 38, 140

Política Educacional 10, 23, 140

Políticas Públicas 1, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 22, 27, 33, 138, 140

Protagonismo Feminino 91, 93, 140

Q

Quilombo 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 140

R

Reconfiguração da Cidade 84, 140

Resistência 39, 41, 47, 48, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 103, 104, 105, 106, 134, 140

S

Saber tradicional 121, 130, 133, 134, 140

Sociedade 5, 23, 25, 32, 33, 34, 42, 43, 45, 46, 49, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 91, 92, 93, 94, 106, 128, 132, 134, 140

Sustentabilidade 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 137, 140

 **Atena**
Editora

2 0 2 0